

Potência e negatividade em Fernando Pessoa: uma apresentação

Teresa Cerdeira (UFRJ e CNPq)

Toda escrita é autobiográfica. A afirmação já foi glosada de muitos modos para falar do investimento literário. Eu gostaria de retomá-la também para tratar do trabalho de ensaísmo e, mais precisamente, deste ensaio de palavras e cores de Lélia Parreira Duarte sobre Fernando Pessoa. Afinal à experiência da negatividade estamos todos expostos enquanto “seres humanos para a morte”, como diria Sartre, e da potência só falemos para aqueles que acreditam possível a condição de “seres contra a morte”, como preferia Malraux.

Essa luta, sabêmo-lo bem, é experiência falida *a priori*, contudo sempre recomeçada pela possibilidade de o imaginário, como *intellectus sanctus*, ultrapassar, na experiência da arte, aquele *terraço* mísero de tudo o que *nos falha ou finda* em nome de *outra coisa ainda*, que Fernando Pessoa considerava verdadeiramente *linda*.

Não, não se trata de pretender ingenuamente vencer a morte, mas de ousar nomeá-la para além do verbo programático, através de uma linguagem que dribla a falência inevitável a que estamos expostos. Lidando com os meios precários e imperfeitos da língua, o escritor não se faz seu escravo mas seu dono e, de dentro dela e a partir dela, transcende o enunciado, inventa um espaço imaginário, que escapa às leis do mundo referencial, em busca de outros possíveis, não apenas no que respeita aos acontecimentos, aos fatos vividos, mas no que respeita à enunciação e ao modo de escapar aos limites e convenções da própria língua.

Lélia Duarte escolheu Pessoa para evocar através dele pensadores da arte e da morte – Agamben, Blanchot – mas também para fazer um exercício duplo de leitura – crítica e plástica – escrevendo o poeta com palavras e cores. Dessas palavras e dessas cores é que desejo falar, em modo de apresentação, partindo do pressuposto que eles constituem dois modos paralelos de ler a poesia pessoana que é, ela própria, transliteração de outras leituras: de Verlaine, de Camões, de Cesário, de Walt Whitman, de Shakespeare, e de tantos outros que constituíram o baú da tradição que o poeta carregou consigo.

Esse duplo trabalho de ensaísmo e criação pictórica de Lélia Parreira Duarte, quero revisitá-lo através da eleição de um exemplo que me parece especialmente feliz na sua concepção: a leitura do poema “Chuva Oblíqua”. Ali Fernando Pessoa, em seu próprio nome, experimentava os exercícios vanguardistas do seu tempo com uma técnica de composição poética a que denominou interseccionismo, em que planos diversos de realidade se cruzam numa ausência evidente de espelhamento referencial. Aliás é o poeta quem avisa que a paisagem é atravessada pelo sonho, de tal modo que os mundos real e onírico convivem sem abdicar da diversidade, e entre navios e árvores, numa *horizontalidade vertical*, se constrói a correspondência poética.

Ora, é justamente esse sentimento de desprendimento referencial e lingüístico do poema que sugere a Lélia Duarte um exercício pictural de desprendimento figurativo, em que árvores e navio chegam a uma espécie de estágio de dissolução. Na tela, as cores dispostas verticalmente guardam o escuro verde evocativo da floresta que aparece como que esventrado de manchas coloridas, que são a presença do sol a evocar o verso do poeta sobre a partida dos navios “que largam do cais arrastando nas águas por sombra / Os vultos ao sol daquelas árvores antigas”.

O que mais me agrada nessa relação ekfrástica é justamente o fato de ela fazer corresponder as cores, que predominam sobre o desenho, ao desalinho normativo das palavras do poema, como recusa de uma figuração mais evidente. E a esse painel de sombria luminosidade a autora atribui, como título, um sintagma do próprio poema – “Porto infinito” – em que mais uma vez os planos espacial e temporal se conjugam em renovada intersecção. Como se a tela não precisasse transferir especularmente o navio para as cores, e a pintora tivesse aprendido a ler com Pessoa que “os navios que saem do “porto são estas árvores ao sol”. É o que a pintora-ensaísta nos diz, aliás, sobre esse tratamento do inapreensível em Fernando Pessoa: “o poeta parece ter um segredo para revelar, mas do seu texto não há como arrancar a mensagem completa: fica apenas o anúncio, a duplicidade, a irrealidade dos sonhos e a realidade da escrita”.

Há tempos a comunidade acadêmica brasileira e internacional respeita a leitora de literatura portuguesa que é Lélia Parreira Duarte. Há menos tempo seus ensaios críticos se deixaram acompanhar por poemas de sua autoria e por uma pintura que ela deixou que nascesse e se desprendesse do seu

imaginário. Este livro que agora se publica, *Potência e negatividade em Fernando Pessoa*, cujo título não deixa de ser uma demonstração de sua própria capacidade de escapar à invasão das sombras em seu universo pessoal pela potência criativa e pelo élan vital, nos apresenta duas dessas suas faces autorais que, por acréscimo, coroam um importante trabalho de pesquisa que ela coordenou com espírito livre e delicada liderança durante quase 10 anos: “As máscaras de Perséfone”. Bela imagem de contínua renovação, de convergência de luz e sombra em que as experiências lucram mutuamente com a potencialidade da sua diferença intrínseca.

É, portanto, com duplicado prazer, entre palavras e cores, que Lélia Duarte nos convida a essa sua viagem pessoana. Aceitemos, pois, felizes, o seu convite.